

DÊCIÊNCIA EM FOCO



ASSOCIADO À



DÊCIÊNCIA EM FOCO: revista de Publicação Científica da UNINORTE, UNIRON e FGN
– v.2 n.1 (Jan/Jun2018). – Rio Branco, Acre, Brasil.

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial.

Diretoria Institucional

Fábio Ricardo Leite

Diretor Financeiro

Kátia Cristina Dotto Gasparini

Diretora Administrativa

Vanessa Vogliotti Igami

Diretora Acadêmica

Índira Maria Kitamura

Diretora de Mercado

Lucinéia Scramin Alves

Secretária Geral

UNIDADES

UNIRON

Nelice Milena Batistelli

Diretora de Unidade

FGN FORTALEZA

Pedro Ricardo Vogliotti

Diretor de Unidade

FGN SALVADOR

Marcus Vinicius Esteves do Nascimento

Diretor de Unidade

Silvia Santos da Silva Gonçalves

Diretora de Unidade

Campus Cidade Universitária

BR 364, Km 02, Alameda Hungria, 200 - bairro: Jardim Europa II

CEP: 69.915-497 - Rio Branco - Acre

Editora Geral:

Eufrasia Santos Cadorin

Editores de Seção:

Douglas José Angel

Marck de Souza Torres

Editor de Layout:

Vander Magalhães Nicacio

Editora de Sistema:

Érica Cristine de Oliveira Carvalho Wertz

Revisor:

João Batista de Souza

Comunicação:

Rosilene Henrique Pereira

Corpo Editorial:

Adônidias Feitosa Rodrigues Junior

Adriano Iurconvite

Ana Claudia Petrini

Ariovaldo Manzanti Junior

Gustavo de Souza Moretti

Jair Alves Maia

Jonata Zanconatto Freire

Juliano Raimundo Cavalcante

Kennedy Maia Santos

Luciana Ribeiro da Silva Peniche

Maithê Blaya Leite

Marck de Souza Torres

Maria do Carmo Moreira Miranda

Maria Rosangela Rosa dos Santos

Mediã Barbosa Figueiredo

Oswaldo de Souza Leal Junior

Paulo Junior Barreto

Pierre André Garcia Pires

Rita Mansour

Rosicley Souza da Silva

Ruth Silva Lima da Costa

Siomary Cintia dos Santos Benevides

Soad Farias da Franca

Thais Blaya Leite Gregolis

Wendel Ricardo de Souza Rego

Williane Tibúrcio

EDITORIAL

Tecnologias Educacionais no Ensino Superior: é possível inovar?

Quando falamos em tecnologias logo nos vêm à mente a ideia de aparelhos eletrônicos e uma evolução de ponta que nos parece inalcançável, sem perceber que muito do que fazemos no cotidiano se utiliza de tecnologias ou as representa na própria ação. Um ato educativo pode se utilizar ou representar uma tecnologia. Por isso, quando nos referimos a tecnologias educacionais devemos nos preocupar tanto com os instrumentos (recursos) quanto com os métodos que utilizamos (didática).

Nos dias de hoje é inevitável pensarmos no que as mídias digitais vêm nos proporcionando. Tendo notebooks e smartphones como principais ferramentas e a internet como campo de trabalho, vivemos em uma sociedade totalmente conectada e em permanente relação. Uma realidade que nos remete aos pensamentos de Ivan Illich¹, que vislumbrando uma educação “sem escolas”, já previa um aprendizado não linear, mas em redes, onde as pessoas (os educandos) buscam o conhecimento necessário para desempenhar qualquer tarefa, muitas vezes sem ser necessária a mediação de alguém que lhes possa apontar o caminho: o professor. Diante desse cenário, torna-se um desafio para as instituições de ensino a incorporação dessa perspectiva a serviço de uma boa educação.

Embora essa seja a nossa realidade, os sistemas de ensino formais apresentam uma dificuldade muito grande de inovar, de se adaptar a uma realidade que insiste em dizer que não podemos mais continuar somente nos métodos tradicionais da educação, pois essa tecnologia não responde mais às necessidades contemporâneas, podendo trazer resultados por vezes desastrosos. Utilizando somente as tecnologias tradicionais, continuamos a impor barreiras à criatividade e padronizando a mente das pessoas, enquanto a evolução das profissões nos mostra que justamente a criatividade e a capacidade de formar redes (tecnologias relacionais) representam as principais competências necessárias ao seu exercício profissional.

Os métodos de avaliação que (ainda) utilizamos são também um reflexo dessa dificuldade de mudança. As tradicionais provas teóricas, que hoje já se sabe que é limitada sua capacidade de avaliar o aprendizado de competências, ainda são as tecnologias mais

¹ ILLICH, Ivan. Sociedades sem escolas. 7. ed. Petrópolis: Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1985. 127p.

utilizadas. Embora já se observem inovações em algumas áreas, pouco evoluímos em uma avaliação global, que integre conhecimentos, habilidades e atitudes, que possa considerar inclusive as diferenças entre os educandos e seus diferentes tempos e modos de aprendizado. É mais fácil e cômodo para os professores e as instituições de ensino reproduzir o tradicional, afinal sempre fizemos assim...

O dilema agora é que, se continuarmos assim, a educação formal será um mero caminho de obstáculos a se vencer na vida. As vídeo-aulas, os *podcasts* e os infográficos que hoje estão disponíveis na internet serão sempre mais interessantes e educativos que as aulas tradicionais. Diante dessa constatação, qual seria o caminho a seguir nas tecnologias educacionais? Sem a pretensão de dar receitas ou prescrições, é importante identificarmos ao menos diretrizes a seguir nas tecnologias educacionais. E, é claro, captar e se basear nas inúmeras experiências que começam a aparecer de instituições e profissionais que, de maneira inconformada, não conseguem mais reproduzir o que se chama atualmente de “mais do mesmo”.

Inicialmente é importante que ampliemos a noção de tecnologia, admitindo que não se trata apenas do instrumental, mas também do modo como se promove as ações. É possível pensarmos em tecnologias relacionais? A relação entre professores e educandos e entre os mesmos podem ser valorizadas e trabalhadas de maneira que isso possa se refletir nas relações profissionais? A resposta é sim! Podemos nas aulas promover aprendizados mais compartilhados e solidários, menos competitivos, incorporando a troca de experiências e opiniões.

O que tem se denominado como “Metodologias Ativas” vem promovendo mudanças importantes nas tecnologias educacionais, mostrando que é possível essa transformação. Estas experiências representam um espectro que vai desde iniciativas pontuais de professores que tornam aulas mais dinâmicas e participativas até modelos de organização curricular como o PBL (*Problem Based Learning*), passando pelo método da problematização, que tem a premissa de intervir em uma realidade identificada e teorizada². Experiências como os grupos tutoriais do PBL com um número menor de alunos e um processo de avaliação formativa tem mostrado grandes avanços no processo de aprendizagem ativa.

Independente da abrangência das experiências em determinado curso, essas tecnologias educacionais têm em comum o protagonismo do educando em seu processo de

² Bordenave, J.D. Alguns fatores pedagógicos. Textos de Apoio da Capacitação Pedagógica Traduzido e adaptado por do artigo Bordenave, J.E.D., *Revista Interamericana de Educação de Adultos*, v. 3, n. 1-2 – PRDE-OEA

aprendizagem e uma abordagem que desperta o pensamento e a curiosidade dos mesmos, compondo a tendência crítico-reflexiva da educação. É fato que hoje não transmitimos mais o conhecimento, eles estão à disposição dos alunos, e mais do que nunca cabe a nós professores, identificar e apontar o caminho a ser seguido no processo de aprendizado, num verdadeiro papel de mediador. Afinal, como nos ensina Paulinho da Viola³, “as coisas estão no mundo, só que eu preciso aprender” ...

O desafio está colocado. Apesar da aparente incipiência e morosidade do processo de transformação, a resposta à pergunta inicial é claramente positiva. Não só é possível inovar, mas é necessário inovar. Esse trem já saiu da estação com um destino claro, mas talvez sem um ponto final. Cabe a nós decidirmos se entramos nesse trem ou se continuamos parados na mesma estação.

Rodrigo Pinheiro Silveira

Médico de Família e Comunidade
Doutorado em Saúde Coletiva
Docente da UFAC e UNINORTE

³ “Coisas do mundo minha nega” (PAULINHO DA VIOLA)